

## PODCASTS E AS NARRATIVAS PÚBLICAS: (IN) FORMAÇÃO HISTÓRICA!?

### PODCASTS Y NARRATIVAS PÚBLICAS: ¿(IN)FORMACIÓN HISTÓRICA!?

Daniel Ferreira da Silva<sup>1</sup>  
Cynthia Simioni França<sup>2</sup>  
Beatriz Carazzai Pereira<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é refletir sobre os podcasts de História como ferramentas de ensino de História que podem contribuir para a produção de conhecimento histórico. Para o aporte teórico metodológico, utilizamos autores, e coletamos dados acerca do consumo de podcasts e o papel destes no cotidiano dos ouvintes. Neste trabalho, analisamos como as tecnologias modernas nos capturam com informações rápidas e muitas vezes, superficiais. Podcasts são opções para outros modos do fazer histórico. Para além do consumo passivo, é necessária uma escuta ativa e engajada socialmente. Concluímos que os podcasts de História devem proporcionar experiências significativas, integrando-se ao dia a dia dos ouvintes e estimulando a reflexão crítica, proporcionando alívio da muitas vezes da alienação e engajamento com questões socialmente vivas no presente na contemporaneidade.

**Palavras-Chaves:** História Pública; Podcast; Memória.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es reflexionar sobre los podcast de Historia como herramientas pedagógicas que pueden contribuir a la producción de conocimiento histórico. Para el enfoque teórico-metodológico, utilizamos (autores) y recopilamos datos sobre el consumo de podcast y el papel de estos en la vida cotidiana de los oyentes. En este trabajo, analizamos cómo las tecnologías modernas nos capturan con información rápida y, muchas veces, superficial. Los podcast se presentan como opciones para otras formas de hacer Historia. Más allá del consumo pasivo, se requiere una escucha activa y socialmente comprometida. Concluimos que los podcast de Historia deben proporcionar experiencias significativas, integrándose en la cotidianidad de los oyentes y estimulando la reflexión crítica, ofreciendo un alivio de la alienación y promoviendo el compromiso con cuestiones socialmente vivas en la contemporaneidad.

**Palabras clave:** Historia Pública; Pódcast; Memoria.

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Possui especialização em Ciências Humanas aplicadas ao Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e graduação em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Atua como professor de História na rede estadual de ensino do Paraná e no Colégio Conexão, em Campo Mourão. Além disso, foi bolsista técnico-bolsista no Laboratório de Ensino de História da UNESPAR, onde desenvolveu pesquisas e projetos relacionados ao ensino de História, produção de produtos históricos digitais, divulgação científica e formação de professores. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1255-6105>;

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e graduada em História pela mesma instituição. Sou membro do grupo Kairós: Educação das Sensibilidades, História e Memória vinculado ao Centro de Memória da UNICAMP, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC) da Faculdade de Educação da UNICAMP, e do Grupo de Pesquisas Rastros na Universidade de São Francisco. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1812-3696>;

<sup>3</sup> Mestranda em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar), pesquisa a subcultura Gótica no diálogo com góticos de Curitiba-PR, com base nas obras de Walter Benjamin. Atualmente participa do grupo de estudos Odisseia, pesquisando subculturas alternativas e movimentos artísticos underground e seus movimentos de resistência ao capitalismo, sob a ótica da História Pública. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7374-5327>;

## INTRODUÇÃO

Com o avanço da modernidade capitalista, as pessoas a cada dia estão mais obcecadas pela memória, de modo a buscar acumular “conhecimento” do mesmo modo que se acumula capital (Huyssen, 2000). Esse sintoma, alcança também as escolas em nosso país que estão avançando na projeção de sua organização e funcionamento sob a mesma lógica, visando aumentar o repertório de apenas informações aos estudantes, e ainda que muitos professores lutem contra esta concepção tradicional de ensino, a “decoreba” ainda está enraizada na forma como encaramos o modo de aprendizagem. A memória aqui se manifesta como um conhecimento adquirido por meio da memorização de acontecimentos históricos.

Para além da ideia de memorização estamos pensando em “Atenção e Dispersão: elementos para uma discussão sobre arte contemporânea a partir de Adorno e Benjamin”, Jeanne Marie Gagnebin (2014) como a lembrança e o esquecimento andam lado a lado na produção de conhecimento histórico, criando uma espécie de jogo dialético da memória. O esquecimento se associa ao “afrouxamento da tensão intelectual”, a uma espécie de entrega ao fluxo da vida ou da memória. Esta perspectiva da memória se ancora principalmente nas contribuições benjaminianas da crítica ao Progresso e à rejeição do passado ao plano dos “inventários” de fatos históricos e objetos vintage de colecionador, em que a relação com a memória é comodificada sob o capitalismo (Huyssen, 2000).

Gagnebin (2014) aponta como o aspecto do inconsciente é central para as análises de Walter Benjamin acerca da memória e de uma história produtora de sentido no presente. É na distração que a memória penetra o inconsciente. Portanto, propomos pensar o podcast de História não como uma aula gravada em áudio, mas como uma possibilidade de promover uma experiência significativa para os sujeitos na relação com suas experiências vividas, e até mesmo uma válvula de escape do cotidiano para o imaginário ou inconsciente. E é nessa leveza do entreter-se, do distrair-se e, ao mesmo tempo imergir e emergir em diálogo com as temáticas discutidas nos podcasts, que são possíveis uma conexão profunda com a História, e podemos produzir conhecimento histórico. Mesmo os episódios mais sérios, que tratam de assuntos traumáticos da história, propiciam uma espécie de escape da alienação cotidiana e por outro lado, uma escuta sensível de pensar relações de alteridade e emancipação.

Introduzimos esta discussão com dois elementos-chave da modernidade: o esquecimento e as tecnologias, cujos *designs* são meticulosamente projetados para captar nossa atenção, nos levando a uma onda de esquecimento. São tantas informações simultaneamente em nossas redes sociais, que não raro nos esquecemos de um vídeo curto que acabamos de ver, por exemplo.

Nessa reflexão, nosso objetivo é pensar os *podcasts* como uma ferramenta que possibilita a produção de conhecimento histórico. Muitos ouvintes consomem podcasts realizando tarefas do dia a dia: fazendo faxina, lavando a louça, se exercitando, dirigindo de um compromisso para o outro. E em meio ao tédio do cotidiano, dos hábitos robóticos, ditados pelo tempo mecânico, há uma brecha para o conhecimento, através de diferentes linguagens. Mas não podemos esquecer que para produzir conhecimento em diálogo com os podcasts, precisamos assumir a postura para além de consumidores passivos, mas receptores ativos na escuta dos conteúdos circulados pelas diferentes mídias sociais.

A duração de um podcast costuma-se variar chegando a até áudios de mais de uma hora. Sem recursos visuais, capta a atenção do ouvinte através do conteúdo e de recursos auditivos como o emprego da voz e efeitos sonoros, vale ressaltar que ainda existe a opção dos Vodcasts (vídeos em formato de podcast). Mas será isto suficiente para uma escuta atenta e sensível? E será que precisamos ouvir um podcast de história atentamente (como se ouve uma aula) para aprendermos algo? Marcelo Silva e Cesar Silva (2017), acrescentam suas experiências sobre o desenvolvimento do podcast *Fronteiras no Tempo* no qual, salientam sobre esse processo de difusão e escuta. Gabriel Giacomazzi e Kelvin Silva falam da sua experiência em um livro eletrônico publicado no final de 2023, ressaltando que:

[...] ao abordarmos temas como a história do mundo islâmico, do continente africano, do “Extremo Oriente” em perspectivas decolonial e anti-imperialista, por exemplo, acabamos por gerar uma demanda do público por mais produções sobre esses assuntos, corroborado pelo feedback recebido através das redes sociais — aliado às estatísticas de audiência fornecidas por cada plataforma. Particularmente as pautas relacionadas ao chamado “Oriente”, por exemplo, possuem espaço especial no podcast e nas publicações temáticas. (Giacomazzi; Silva; 2023, p.150)

É esse processo de escuta ativa que mencionamos, ao considerar o interesse sobre temas dos mais diversos e mover o holofote para eles, permitindo ao quem estuda e se aprofunda no tema a apresentar e esclarecer diversas análises.

Se o conhecimento histórico produz sentido ao relacionar-se com a experiência vivida, o próprio formato do podcast de História propicia o diálogo com a realidade do ouvinte, pois se torna parte de seu cotidiano. E é esse o ensino de História e a prática de História Pública que visamos: uma História engendrada em nosso dia a dia, não como obrigação, nem como decoreba, mas como “alívio” da alienação e da amnésia mediante questões socialmente vivas no presente, mas que não se distanciam dos compromissos políticos, éticos e responsivos.

## UM “FAZER” E UM OLHAR SOBRE O PÚBLICO

Ao abordar a história pública estamos entendendo como um movimento de reflexão e ação que passa pelo tripé produção, circulação e divulgação de conhecimento, em espaços para além dos

muros universitários. É crucial ressaltar nosso posicionamento, envolvendo a divulgação e a defesa dos direitos dos movimentos sociais para além dos espaços tradicionalmente designados a eles. A história pública pode contribuir para alcançar e ampliar um conjunto de direitos humanos.

No campo historiográfico na interface com o ensino de história na contemporaneidade, pensar a história pública está ligada às questões que envolvem os usos públicos do passado, dever da memória, divulgação histórica pelas mídias digitais, produções literárias e artísticas na relação com a história, questões socialmente vivas no presente, como as questões de gênero, de racismo, desigualdades de classe, entre outras. (Almeida; Rovai, 2011).

A história pública abriu-se ao debate sobre as relações étnico-raciais, ações afirmativas e educação antirracista. Vários projetos sobre as memórias da escravização e da liberdade dos afro-brasileiros foram colocados em ação por Martha Abreu, Keila Gringberg e Hebe Matos (2019), envolvendo processos colaborativos com professores e estudantes universitários e comunidade em geral.

As demandas sociais de memória e reparação histórica dos grupos subalternizados na sociedade brasileira alcançaram visibilidade e representatividade no espaço acadêmico e historiadores passaram a se preocupar em desenvolver ações e reflexões coletivas com os grupos plurais nos espaços públicos. (Oliveira; Borges; Barrento, 2021). Como professores-historiadores somos convidados a revisitar os usos e abusos do passado, conforme apontado por Miriam Hermeto e Rodrigo de Almeida Ferreira (2018).

No contexto de uma História Pública responsável, compreendemos que a produção e circulação dos saberes se dão por meio de debates, levantando questões e confrontando outros saberes (experenciais, pedagógicos, escolares, historiográficos, entre outros. Concordante com isso, observamos que o historiador envolvido na prática da história pública não detém um monopólio do saber histórico. Nesse sentido, a troca de experiências e saberes diversos é o cerne da História Pública. Em diálogo com Hannah Arendt (2000), em “A Condição Humana”, ampliamos ao conceito de público<sup>4</sup> e refletimos sobre os públicos dos podcasts.

## UMA HISTÓRIA PARA ALÉM DAS TRANSMISSÕES RADIOFÔNICAS

Como professores de história, valorizamos o diálogo e a oportunidade de permitir uma troca de saberes, reconhecendo que podemos aprender significativamente ouvindo por meio da tradição oral. Compartilhamos uma experiência realizada com o diretor artístico de uma rádio de Campo

---

<sup>4</sup> Quando Hannah Arendt (2000) afirma que aquilo que desperta interesse se torna público, ela está se referindo a suas próprias convicções acerca dos dois extremos do conceito de esfera pública. Em sua obra, Arendt distingue duas dimensões distintas da esfera pública: uma dimensão voltada para a aparência e outra relacionada ao aspecto político.

Mourão-PR, durante a qual efetuamos uma intervenção em uma disciplina Projeto Integrador do Programa de Mestrado em História Pública da Universidade Estadual do Paraná.

Ao refletirmos sobre o podcast, logo, pensamos nos áudios na locução de uma rádio comercial ou comunitária. Em uma recente atuação em uma rádio, tivemos o prazer de visitar e conhecer o funcionamento de uma rádio local. Suas funções e os desafios encontrados nos programas foram discutidos em uma conversa com o diretor artístico, onde foi apresentada uma breve história sobre a instalação das rádios comerciais no Brasil.

Nesse diálogo, notamos uma comunicação que buscava sobrevivência na nova era digital, ou como podemos nomeá-la, a era do Expresso. A informação está disponível e acessível principalmente após a rede discada para a banda larga e conseqüentemente para a web 2.0<sup>5</sup>. Vale reforçar que estamos falando de um processo anterior à WWW. Meios de comunicação como TV, rádio, jornal e revistas eram os promulgadores da notícia, da informação e dos acontecimentos locais, regionais e nacionais. Podemos perguntar a qualquer pessoa acima dos 40 anos como ela obtinha informações em sua juventude e ela logo te apresentará uma ou mais, se não todas, as alternativas que falamos. Portanto, não podemos falar de podcast sem mencionar o primeiro meio que inspirou seu surgimento, ou seja, os programas de rádio.

Claro, precisamos evidenciar também a origem do seu nome, podcast, que remete aos iPods da marca de smartphones e computadores Apple. Este equipamento surgiu para facilitar aos usuários a audição de músicas em qualquer lugar. Assim como em um smartphone, o princípio é básico: ter acesso ao conteúdo ou facilidade em ouvir músicas e programas de rádio a qualquer momento. Ana Couto e Luís Martino (2018, p.62) definem-no como um produto do ambiente virtual, uma forma de publicação de arquivos de áudio e mídia na internet, permitindo que os usuários acompanhem atualizações além de programas sonoros, vinculados a diversas formas de conteúdo e nichos.

Sendo este o princípio básico da era da informação e comunicação, hoje vivenciamos o que chamamos de web 3.0, na qual criamos uma dependência dessas interações do ambiente virtual. Possuímos, assim, além dos programas de podcast dos mais diversos tipos e nichos, outros tipos de plataformas como as streaming, que possibilita acesso a filmes, seriados, novelas, jornais e documentários, assim como as plataformas que agregam áudio, como Spotify, Deezer, Apple Podcasts, Apple Music, Google Music, Amazon Music, entre outros. Fica clara que os modos de se relacionar com as tecnologias foram sendo modificadas, assim como as ferramentas disponibilizadas para uso.

---

<sup>5</sup> Observar conteúdo do livro de O'REILLY, Tim. **O que é web 2.0**. "O'Reilly Media, Inc.", 2009.

## MUDANÇAS PERANTE UMA NOVA AUDIÊNCIA.

Pensando na transformação na audiência dos programas de rádio, devido aos avanços digitais, podemos destacar que o surgimento de plataformas online ampliou as opções de entretenimento e informação, resultando em uma seleção mais personalizada por parte dos ouvintes. Isso desafia a tradicional amplitude territorial do rádio, proporcionando uma experiência mais individualizada e globalizada.

No contexto dos podcasts, a natureza descentralizada da distribuição de áudio permite uma flexibilidade única. Ao contrário das restrições geográficas do rádio convencional, os podcasts podem alcançar públicos globais, transcendendo fronteiras físicas. Essa característica não apenas amplia o alcance, mas também redefine as dinâmicas de divulgação e participação do público.

Para além das problemáticas do campo historiográfico, o historiador digital vê-se diante de questões específicas do meio digital. Com o surgimento acelerado de novas tecnologias de informação e comunicação e com o advento da web 2.0, o meio digital tem sido palco de produção das mais diversas narrativas históricas. Trata-se de um processo de popularização de acesso aos espaços digitais de forma que qualquer pessoa seja capaz de entrar na rede e acessar o conteúdo disponível (Souza, 2017, p.47)

Portanto, Raone Souza (2017) nos alerta acerca dessa popularização dos conteúdos digitais, principalmente, no que diz respeito ao uso da web 2.0 e com a proliferação das redes sociais. Quanto a isso o historiador Jurandir Malerba contribui para o debate em torno do posicionamento do historiador neste novo espaço de atuação quando relata:

A Web 2.0 é um terreno dinâmico que oferece oportunidades e desafios para a criação da história. Se, por um lado, ela pode potencialmente ser um meio indutor de produção de uma história ao alcance de todos, por isso em tese mais democrática e mais aberta, a internet simultaneamente apresenta questões e desafios novos, por exemplo, sobre controle de acesso (salvaguarda: gatekeeping) e autoridade (quem tem habilidades técnicas, formação necessária para fazer sentido do passado como história). (Malerba, 2017 p.143)

Além disso, a mudança nos hábitos de consumo de informação, com as pessoas cada vez mais engajadas em redes sociais e interações online, destaca a relevância dos podcasts como uma ferramenta importante para alcançar os públicos na contemporaneidade. Professores, por exemplo, podem utilizar essa plataforma para estender suas aulas além da sala de aula, promovendo discussões e reflexões que transcendem os limites físicos da escola.

Entendemos que a transição do rádio para os podcasts, não apenas redefine o conceito de público, mas também oferece oportunidades singulares para o modo como produzimos conhecimento. Essa transformação reflete não apenas uma mudança tecnológica, mas também uma mudança cultural e social na forma como nos conectamos com os diferentes suportes narrativos midiáticos.

No entanto, não podemos esquecer que informação não é conhecimento. Jorge Larrosa, nos lembra que o sujeito da informação sabe muitos acontecimentos, busca informação em todos os cantos possíveis, destacamos aqui as redes sociais e essa obsessão pela informação, constitui sujeitos que são portadores de saberes, mas não sabedoria. A grande questão desafiadora é ouvirmos podcasts sabemos de tudo, mas ao mesmo tempo somos sujeitos informados, mas não necessariamente formados e transformados na relação com os conteúdos que são ouvidos. Podemos ouvir algo e nada alterar a nossa forma de pensar e se posicionar no mundo porque nada nos tocou. É importante entender que o conhecimento “não ocorre sob a forma de informação”, e ainda, aprender não é “adquirir e processar informação”. (Larrosa, 2002, p.22).

Acrescenta ainda Larrosa (2002) que enquanto a sacralização da informação alcança o espaço do acontecer,

então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. Quer dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência. E o fato de o periodismo destruir a experiência é algo mais profundo e mais geral do que aquilo que derivaria do efeito dos meios de comunicação de massas sobre a conformação de nossas consciências.

Essas problemáticas apontadas são necessárias para percebermos as tecnologias de informação e comunicação com um olhar ambivalente. As mídias e especificamente, os podcasts contribuem para a “democratização dos usos do passado sob os interesses do presente, da alteridade e do conflito sempre saudável ao amadurecimento de uma sociedade em busca da compreensão de si mesma enquanto coletividade”. (Rovai, 2018, p. 186). A publicização do passado por diferentes canais de comunicação, no caso dessa reflexão o podcasts faz parte de uma demanda social do presente (Huyssen, 2000) e são considerados como possibilidades de narrativas públicas e colaboram com a sua ressignificação pelos públicos (que ouvem e podem reelaborar os sentidos do passado).

A professora-historiadora Sonia Meneses acrescenta que a mídia atua na “elaboração, tanto de acontecimentos emblemáticos, como de um tipo específico de conhecimento histórico a partir de narrativas que operam com categorias temporais na fundação de sentidos históricos destacando, especialmente, a relação entre três dimensões fundamentais: a mídia, a memória e a história”. (Meneses, 2012, p.38)

Nesse sentido, passado, presente e futuro são mobilizados nos podcasts de história, contribuindo na inscrição memorável do acontecimento histórico, concomitantemente, o inscreve no espaço público. É importante atentar-se na escuta da narrativa pública do podcast, não apenas nas lembranças, mas nos esquecimentos. Benjamin (1985) chama a nossa atenção mais do que lembrar, os perigos estão naquilo que foi esquecido.

Nesse sentido, refletir sobre as narrativas públicas que são circuladas e publicizadas pelos podcasts são fundamentais para pensar como potentes para a produção do conhecimento histórico. Isso porque muitas vezes o passado na relação com o presente e perspectiva de futuro são trazidos em uma concepção linear de tempo e até mesmo em uma ideia de presente que olha para o passado como pronto, fechado sem perspectivas da reescrita de outras memórias, sujeitos e histórias e com horizonte de expectativa fadado a reprodução temporal.

Pensar nas narrativas públicas que circulam nos podcasts é ainda atentar-se para os passados traumáticos e como esses são trazidos, ou melhor se a barbárie humana é banalizada e omitida. Desnaturalizar a dor alheia é um compromisso ético, político e responsivo do historiador público. Como lidar com o estranhamento que tais narrativas públicas nos causam, distanciando de uma escuta banalizadora, que mantém o presente em um tempo do sempre igual, como nos lembra Benjamin (1985)? Como criar experiências significativas e dialógicas e não apenas informativas na relação com as narrativas públicas que circulam pelos podcasts?

#### PARA QUE DIVULGAR E ESCUTAR A HISTÓRIA EM PODCASTS?

É intrigante considerar como os profissionais da história enfrentam o desafio de compreender os novos padrões de uma era em constante transformação. Gallini, Noiret (2011) afirmam que com o surgimento da internet o historiador profissional encontrou não apenas um novo meio de divulgação de suas pesquisas, mas também novas formas e ferramentas de produção. Para os autores, “as redes digitais alteraram os modos de produção historiográfica ocasionados principalmente pelo surgimento da hipertextualidade, ferramenta que permite o acesso direto de um documento a outro por meio da web”. (Souza,2017, p.47)

A questão se intensifica ao refletirmos sobre as percepções relacionadas a uma nova abordagem na prática histórica e na sua divulgação. Nota-se que ferramentas como o Google têm contribuído para um ensino fragmentado do conhecimento, criando teias de informação neste vasto mar que é a rede.

Byung Chul-Han (2018), em seu livro o “Enxame”, destaca que quem domina esses espaços é aquele capaz de controlar a “shitstorm”. Isso ressalta a necessidade de assumirmos um compromisso ético e profissional ao enfrentar certos tipos de analogias, afirmações, revisionismos e reconstruções negacionistas que encontramos nesses ambientes digitais. A habilidade de lidar com a complexidade e a avalanche de informações torna-se crucial para os historiadores nesse cenário de mudanças.

No estudo “Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube” conduzido pelo historiador Odir Fontoura (2020), é compreensível que os canais mais acessados e comentados

na plataforma incluem figuras como Felipe Castanhari, do Nostalgia, Eduardo Bueno, do Buenas Ideias, e o biólogo Pirula, detentor do canal homônimo. Entre os historiadores mais destacados estão Deborah Aladim, com um canal próprio, e Icles Rodrigues, do Leitura ObrigaHistória. Vale mencionar também os canais de conspiração, conforme destacado por Granada, que têm como propósito desafiar os professores com uma abordagem fundamentada em fatos e realidade (Granada, 2022, p. 71). Fontoura, em seu texto, aborda a questão da “História que os professores não contam”, exemplificando com o fenômeno negacionista e revisionista da direita brasileira, evidenciado no canal “Brasil Paralelo” (Fontoura, 2020, p. 158 a 178)<sup>6</sup>.

Vale ressaltar que, enquanto profissionais, nosso papel é político de combater os abusos do passado e qualquer forma de negação e de revisionismos históricos, bem como a falta de compreensão por parte de uma parcela da população. José d'Assunção Barros, em sua obra “História Digital”, aborda de maneira intrigante a produção de conteúdo por pessoas sem conhecimento acadêmico especializado.

Entre os influenciadores, surge até mesmo uma nova profissão: a dos youtubers. Há alguns extremamente competentes e habilidosos nas suas esferas de saber ou práticas mais específicas, mas há outros que parecem ter emergido de uma pequena multidão de aventureiros virtuais sem nenhum tipo de conhecimento específico ou talento que não a capacidade de encontrar o tom certo para cativar aqueles que se inscrevem nos seus canais. Eles discutem de tudo. Sem nenhuma exigência de especialização em nutrição, anunciam regimes, sem formação científica, falam sobre física quântica e, para preocupação dos historiadores, de História. A pseudociência também encontra entre eles os seus defensores, e os tempos recentes assistiram ao surpreendente retorno daquela crença que não se via já há alguns milênios: a Terra tornou-se novamente plana para uma parcela significativa. As vacinas tornaram-se nocivas e grassam as teorias da conspiração. Bobagens impressionantes são declamadas em tons solenes (Barros, 2022, p.79).

Nesse sentido, devemos enquanto professores-historiadores nos atentarmos às narrativas públicas porque muitas vezes, os meios de comunicação e informação midiático são eivados do senso comum e discursos do passado com juízos de valores alheios à uma reflexão historiográfica. Assim, uma análise crítica de como o passado é apresentado ao presente é fundamental para o exercício da prática da história pública. A problemática que se coloca é ao pensar na escuta e consumo dos podcasts: Como o passado está sendo apresentado nas narrativas públicas? Será que é um passado que privilegia o cortejo dos vencedores e não permite que os mortos fiquem em segurança? (Benjamin, 1994).

---

<sup>6</sup> Para saber mais veja o artigo na íntegra disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/VwPw6MP97rfsb6Yf9RHDxr/?lang=pt>

## O PODCAST, AS AUDIÊNCIAS E OS PÚBLICOS DA HISTÓRIA

Podemos pensar sobre um novo público dentro do que compreendemos sobre audiências? Malerba afirma que a audiência dificilmente pode ser entendida como o “comum” (2017, p.139). Desta maneira, compreendemos que a história pública, ao analisar, produzir e instigar debates sobre os entrelaçamentos relacionados ao uso da história em diferentes ambientes. Semelhante modo, apresenta uma dimensão de audiência capaz de nos levar a pensar categoricamente que o público não está necessariamente ligado às concepções comuns de público ou opinião pública.

Isso acarreta a questão da produção e compartilhamento por meios públicos. Nesse sentido, Jurandir Malerba nos esclarece da seguinte maneira:

A história não mais se produz somente na academia, muito menos se veicula apenas por meio do livro impresso. As plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado. Existe uma longa discussão, já antiga e mais técnica, sobre as potencialidades da internet para a prática historiográfica: como depósito de fontes ou ela mesma como fonte—e que tipo de problemas cada uso desses acarretaria. Por um lado, a escassez de material, dado o caráter efêmero dos websites; por outro, ao contrário, a abundância de fontes disponíveis na rede. Tudo isso exige parar para pensar na verdadeira transição de paradigmas que estamos vivendo, de uma era de escassez para uma era de abundância (Rosenzweig, 2011). (Malerba 2017, p. 142)

Portanto, por um lado, temos uma grande participação do público e uma ampliação no que diz respeito às autorias. Podemos observar isso, por exemplo, na pesquisa<sup>7</sup> realizada pela Abpod—Associação Brasileira de Podcasts<sup>8</sup> em 2020. Alguns pontos destacados na pesquisa incluem:

Os dados revelam que 34,3% das 16 mil respostas ressaltam os podcasts, indicando que esses participantes desempenham papéis como editores, produtores e locutores de programas. Além disso, a maioria deles participa de mais de um podcast ou inicia projetos diferentes. Notavelmente, 46% desses destacados produtores exercem mais de uma atividade dentro do programa, uma tendência também observada entre os produtores de vídeos do YouTube, conforme demonstrado no relatório de tendências de consumo da plataforma.

---

<sup>7</sup> A pesquisa foi realizada pela Associação Brasileira de Podcast no período de 2019 a 2020. Teve como objetivo principal elucidar a divulgação de podcasts. O documento completo da pesquisa está disponível em: <https://abpod.org/podresearch.org>. Acesso em: 22 de janeiro de 2024.

<sup>8</sup> Associação Brasileira de podcasts é uma instituição que Visa a melhoria da qualidade de informação, divulgação e relacionamento no que diz respeito aos produtores e a quantidade e qualidade do material desenvolvido por meio de Podcast Você pode encontrar mais informações sobre ela em: <https://abpod.org/podpesquisa/>

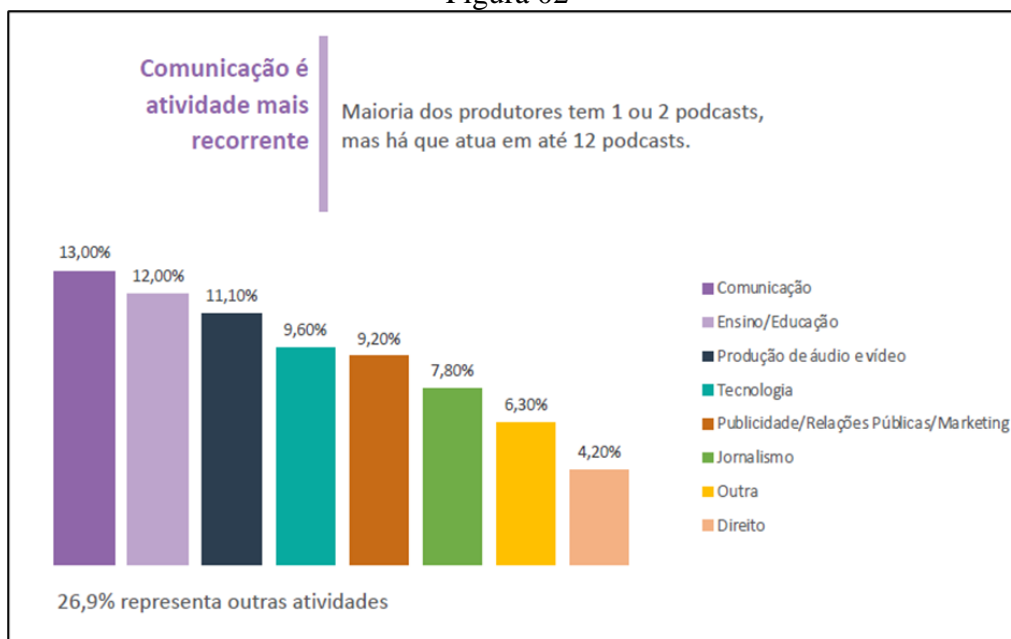
Figura 01-



Fonte: ABPOD- PodPesquisa (2020)

É importante salientar a ampla variedade de dimensões atendidas pelos podcasts, conforme apontado pela pesquisa. A maior preocupação é com a comunicação, sendo que 13% dos entrevistados ouvem podcasts sobre cultura pop, humor e política. Em seguida, a área de ensino e educação se destaca, especialmente em temas relacionados à aprendizagem fora dos ambientes acadêmicos, conforme demonstrado no gráfico da figura 2, destacando as relações crescentes entre ensino e educação. Outras áreas relevantes incluem tecnologia, publicidade e dimensões específicas do jornalismo. A diversidade de interesses reflete a ampla variedade de conteúdo oferecido pelos podcasts.

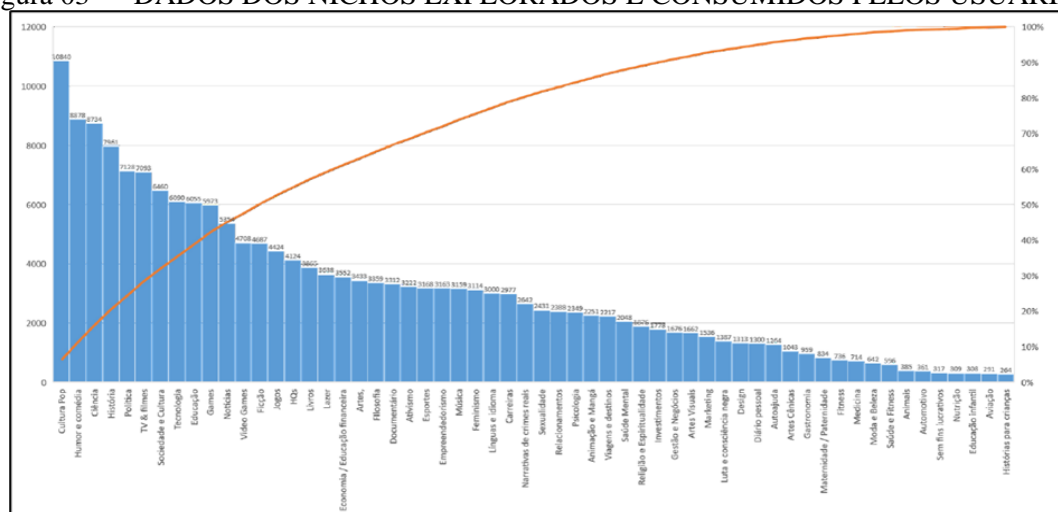
Figura 02 -



Fonte: ABPOD- PodPesquisa (2020)

Notavelmente é perceptível quando vemos a proposta da última tabela que estaremos pontuando da pesquisa com as quais compactuamos bem quando analisamos os dados para além da questão civil de cidade, faixa etária e renda, mas observamos em especial o gênero de Podcast ouvidos por esses membros que participaram da pesquisa. Vale ressaltar que a pesquisa apresentou dados de respostas válidas de 16.713 em um período de dois meses entre outubro de 2019 e dezembro de 2019.

Figura 03 — DADOS DOS NICHOS EXPLORADOS E CONSUMIDOS PELOS USUÁRIOS.



Fonte: ABPOD- PodPesquisa (2020)

Dessa forma, evidenciamos que, em relação à questão das audiências e ao consumo do público, os produtos na plataforma de Podcast ocupam o quarto lugar no uso habitual das pessoas que responderam a essa pesquisa. Ou seja, temos uma posição favorável em relação à divulgação da história, pois os assuntos relacionados a ela são ouvidos/consumidos. Destacamos que 7.961 pessoas, afirmaram que escutam/consomem produtos de história por meio de podcast.

Lidamos com o podcast em relação às nossas demandas como capazes de “contribuir para a compreensão sobre o passado” (Malerba, p.143). Lembramos que, conforme o autor afirma, a web é um terreno dinâmico, e o uso dos podcasts potencializa e dispensa qualquer tipo de validação formal em meio midiático, pois a autoria se torna de todos, não apenas de historiadores. Portanto, compreendemos que as demandas do público e das audiências nos impulsionam a pensar fora dos muros da academia e a contribuir para a constituição de uma cultura histórica fora para além da universidade e da escola.

Essas questões revelam que estamos assumindo a responsabilidade que o historiador possui e um compromisso ético de lidar e apresentar dados que os influenciadores digitais, muitas vezes não possuem. Nesse sentido, Bruno Leal, em um artigo publicado em 2014, afirma que o historiador precisa se aventurar na internet para contribuir nos debates em torno do conhecimento histórico em meios tão hostis como a internet.

## PODCAST COMO UMA FERRAMENTA OU UM PRODUTO HISTÓRICO!?

Quando nos referimos a “produto de história” ou “produto histórico” a palavra “produto” muitas vezes evoca a ideia de algo comercial ou passível de ser vendido, para além dessa ideia mercadológica, queremos trazer aqui como uma ferramenta potente para a produção, circulação e publicização do conhecimento histórico. Mais do que isso, o que devemos nos atentar não é com o “produto final”, o podcast em si, mas como o seu processo de elaboração, produção e construção coletiva. Não existe um produtor histórico, sem passar pelos seus encaminhamentos teórico-metodológicos que subsidiam essa produção.

Nesse sentido, voltamos a lembrar as falas de Mirian Hermeto e Rodrigo de Almeida Ferreira e, em especial estando presente no livro “História Pública no Ensino de História”. Ele nos alerta a respeito das compreensões sobre a questão do produto da história, destacando, assim, como segue:

Perceber o “produto” enquanto processo é uma forma de recolocar as possibilidades da história pública no ensino. Algumas dissertações do Proffhistória relatam a construção de produtos finais distintos do planejamento inicial, devido ao surgimento de outros caminhos durante o percurso da pesquisa-didática, algo comum numa sala de aula de História e na pesquisa histórica (Hermeto; Ferreira, 2021. p. 13)

Após 2020 testemunhamos uma expressiva produção de podcasts, como orientado por César Agenor Fernandes da Silva no primeiro episódio<sup>9</sup> do “Diálogos Públicos”. O trabalho do historiador público pode ser pensado ao de um artesão, assemelhando-se a um oleiro que passa por vários estágios até que o “produto final”, no caso o vaso, esteja pronto (Silva, 2023).

O oleiro escolhe e peneira o melhor barro para poder trabalhar. Essa compreensão por si só já nos traz o caráter do trabalho do profissional de história, que se constrói no diálogo com o referencial teórico e metodológico. Outro parâmetro nas projeções do oleiro trata-se de como esse barro será produzido e do que ele precisa. Na experiência dos historiadores, destaca-se a necessidade desse diálogo com o objeto histórico e as fontes, sejam elas jornais, revistas, podcasts, artigos, livros, livros, matérias de jornal ou outros meios. Afinal, tudo o que o homem produz é motivo de investigação nas ciências humanas.

Depois, pensar em qual é o público que queremos dialogar? A história pública nos convida a dialogar com pessoas que estão fora dos espaços da academia, inclusive o digital. E, com a ascensão de materiais nas redes sociais, YouTube e em ambientes diversos da internet, percebe-se que o historiador precisa ocupar outros seu espaços, como acrescenta Carvalho: “Países como o Brasil, é

---

<sup>9</sup> Disseminado no Laboratório de Ensino de História da UNESPAR, fruto do trabalho de Mestrado em História Pública da Unespar.

impensável ignorar a potência de redes sociais como o Facebook nessas disputas. Tanto quanto os jornais e redes sociais online são espaços públicos legítimos de atuação dos historiadores” (2014, p.176).

A História Pública, portanto, promove a interação entre esses diversos saberes e o público mais amplo, estimulando-o por meio de qualidade, conteúdo e linguagem compatíveis com o público-alvo. Há vários eixos de linguagens para o diálogo com os públicos. De acordo com Carvalho e Teixeira (2019), destaca-se a revolução editorial, enfatizando o crescimento de periódicos e livros de história, que atendem, de certa forma, ao nicho de pessoas escolarizadas e universitárias. Dentro dessa camada, incluem-se os editoriais de materiais didáticos.

Outros nichos que contribuem para a qualidade de material são os podcasts, conforme pontuado por César Agenor Silva e Marcelo Silva em seu artigo sobre divulgação científica por meio de podcasts destacam:

Os produtores de Podcast, na maior parte dos casos, quando falam para alguém que nunca ouviu falar da mídia, se utilizam de uma explicação simplificada e padrão quando recebem a pergunta: “o que é um podcast?” Essa resposta padrão soa mais ou menos assim: “É como um programa de rádio na internet”. [...] Podemos dizer que essa analogia não está completamente errada, pois Podcasts são arquivos de áudio que tratam de diversos temas sendo disponibilizados em páginas da rede. As temáticas são muito variadas e atendem a nichos de público igualmente diversos, abordando assuntos relacionados a cinema, videogames, música, política, humor, culinária, idiomas, tecnologia, esportes, direito, curiosidades, economia, crônicas do cotidiano, ciências, história, entre tantos outros. (Silva, Silva, 2017, p. 257)

Assim como no podcast, no ramo editorial e em outras formas de divulgação, temos dois mecanismos que, nas últimas décadas, se tornaram o maior desafio em como fazer história. Refletindo sobre as Redes Sociais e o YouTube como objetos de interação, compreendemos a importância da linguagem clara e acessível ao público ampliado, não dissociando da análise crítica que esse conteúdo pode apresentar e mobilizar em seus ouvintes/consumidores. Neste campo de trabalho do Oleiro, acrescentamos que o modo e a qualidade da comunicação que o trabalho precisa variar conforme o público que você quer dialogar.

A escolha do tema, análises das fontes e a melhor forma de dialogar com públicos são elementos a serem considerados. A História Pública está intrinsecamente ligada ao “fazer da história” (Liddington, (2011, p.50).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS - IDEIAS A SE CONSTRUIR

O artigo compartilha potencialidades do formato de podcast para a divulgação da História acadêmica conforme o pilar de divulgação científica da História Pública, e como os podcasts podem servir não apenas como ferramenta, mas também como produto histórico. Observamos o apelo de

diferentes nichos e temáticas que atraem ouvintes de interesses diversos, convergindo-os em torno da historiografia e dos conhecimentos históricos. A produção de podcasts, assim como o trabalho do oleiro, deve ser artesanal, desvinculando-se de concepções capitalistas de “produto” a fim de democratizar a História nos ambientes digitais. Semelhantemente, podemos considerar a ideia primordial de um ambiente propício à cultura histórica digital, que vem surgindo devido à influência dessas novas mídias nas concepções de pesquisa e ensino de História. Percebemos que, como historiadores, não podemos mais nos apartar dessas tecnologias, mas sim aprender a manuseá-las.

Portanto, relembremos que vimos até aqui não somente a presença evidente da informação histórica gerada mediante podcasts, mas também a difusão de conhecimento e conscientização histórica realizada por meio de novas mídias. Os podcasts são ferramentas potentes para a produção de conhecimento histórico tecido por relações dialógicas, interativas, inventivas e criativas. Mais do que isso, pode possibilitar por meio de uma escuta sensível a formação crítica daqueles que entram em contato com os podcasts, especialmente aqueles que tratam de problemas socialmente vivos no presente.

## REFERÊNCIAS

- ABPOD. **PodPesquisa** 2019-2020: Resultado Final. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>. Acesso em: 22 de jan de 2024.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). Introdução à História Pública. São Paulo: **Letra e Voz**, 2011.
- ARENDT, Hannah. A Condição Humana. **Ed. Forense** Universitária, 10º ed. Rio de Janeiro, 2000.
- BARROS, José D.'Assunção. História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. **Editora Vozes**, 2022.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador”, in Obras Escolhidas, V. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. ROUANET, São Paulo: **Brasiliense**, 1985.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: **Brasiliense**, 1994.
- CARVALHO, B.L.P de. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 165–188, 2014. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/126>. Acesso em: 12 set. 2023.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Revista Transversos**, v. 7, n. 7, p. 35-53, 2016.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. História pública e divulgação de história. São Paulo: **Letra e Voz**, 2019.

- COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 9, n. 02, pp. 48-68, jul./dez. 2018.
- FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 33, n. 69, p. 45-63, 2020.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. O Trabalho de Rememoração de Penélope. In: Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo, **Editora 34**, 2014.
- GALLINI, S.; NOIRET, S. La historia digital en la era del Web 2.0: introducción al Dossier Historia Digital. **História crítica**, n. 43, p. 16-37, 2011.
- GIACOMAZZI, Gabriel dos Santos; SILVA, Kelvin Oliveira da. A experiência do HistoriCast: uma prática de divulgação pública da História. In: HISTÓRIA pública: para quem, para quê, como e com quem? ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; KOBELINSKI, Michel (org.). Guarapuava: **Ed. da Unicentro**, 2024.
- GRANADO, Helena Ragusa. Influenciadores digitais, base comum curricular e os impactos no ensino de história do nazismo alemão: narrativas em disputas. In: MAIA, Paulo Roberto de Azevedo; RAMOS, Márcia Elisa Teté. Linguagens e narrativas históricas na sala de aula. João Pessoa: **Editora do CCTA**, 2022. p. 69-92.
- GRINBERG, Keila; ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. História pública, ensino de história e educação antirracista. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, p. 17-38, 2019.
- HAN, Byung-Chul. No exame: perspectivas do digital. **Editora Vozes** Limitada, 2018.
- HERMETO, Miriam; DE ALMEIDA FERREIRA, Rodrigo (Ed.). História pública e ensino de história. **Letra e Voz**, 2021.
- HERMETO, Miriam; FERREIRA, Rodrigo de Almeida. Ensino de História e Historia Pública: um começo de conversa. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, p. 5-16, 2018.
- HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: **Aeroplano**, 2000.
- LARROSA, Jorge B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n.19, p.20-28, 2002.
- LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública? in. DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo; DE OLIVEIRA ROVAI, Marta Gouveia. Introdução à história pública. **Letra e Voz** 2011.
- LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História digital: Reflexões, experiências e perspectivas. História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. São Paulo: **Letra e Voz**, p. 149-63, 2016.
- MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital1. **Revista Brasileira de História**, v. 37, p. 135-154, 2017.
- MAUAD, Ana Maria; DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Ed.). História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. **Letra e Voz**, 2016.p.185–204.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: SUTTI, Weber (Coord.). I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: sistema nacional de patrimônio cultural. Desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão. Brasília, DF: **Iphan**, 2012. p. 25-39.

O'REILLY, Tim. O que é web 2.0 . "O'Reilly Media, **Inc.**", 2009.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Publicizar sem simplificar: O historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (Orgs.). História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: **Letra e Voz**, 2018, p. 185-196.

SILVA, D. F. da. O trabalho artesanal do historiador e o produto histórico: reflexões sobre construção de uma história no digital. **Faces de Clio**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 170–188, 2023. DOI: 10.34019/2359-4489.2023.v9.41907. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/41907>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SILVA, Daniel Ferreira da. O papel do historiador em meio ao universo digital do YouTube: quanto valem as interações? 2022. 57 f. Monografia (Graduação em História) - **Universidade Federal do Triângulo Mineiro**, Uberaba, MG. Disponível em: [https://biblioteca.sophia.com.br/5362/index.asp?codigo\\_sophia=27602](https://biblioteca.sophia.com.br/5362/index.asp?codigo_sophia=27602). Acesso em: 26 abr. 2023.

SILVA, Marcelo de Souza; SILVA, Cesar Agenor Fernandes da. A divulgação científica em história por meio de podcasts: possibilidades de educação histórica pela internet. In: LARA, Renata Marcelle; CAMARGO, Hertz Wendel de (org.). **Conexões: mídia, cultura e sociedade**. Londrina : Syntagma Editores, 2017, p.257-285.

SOUZA, Raone Ferreira de. O Podcast no Ensino de História e as demandas do Tempo Presente: Que Possibilidades? **Revista TransVersos**, n. 11, p. 42-62, 2017.